

# **As torcedoras querem torcer!**

**Carolina Farias Moraes**

**Prof. Luís Felipe Hirano**

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Pós Graduação Sociopsicologia

Maio/2014

## **Resumo**

O trabalho dá início a um processo de pesquisa, onde será abordado o tema da presença das mulheres nos estádios de futebol, com enfoque nas torcidas organizadas do esporte em questão. Assim, este estudo se embasa na perspectiva de contextualização das representações femininas nos estádios de futebol e seus arredores, os aspectos culturais e, fundamentalmente, as diferentes representações, estereótipos e possíveis alterações de identidades e papéis trazidos pelas mulheres em um contexto historicamente masculinizado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada análises de entrevistas com personagens do mundo futebolístico: com integrantes de torcidas organizadas, militantes e dirigentes sobre os aspectos femininos e masculinos.

**Palavras chaves: futebol, torcidas organizadas, mulheres, homens.**

## **Aquecimento: Futebol para mulher, uma paixão nacional?**

O direcionamento historicamente traçado pela sociedade, de fato, não está vinculado ao estímulo para que as mulheres conheçam ou se aproximem do mundo futebolístico e suas características. Podemos ressaltar que para os homens, desde muito jovens, este exercício é feito com uma dedicação exemplar, tanto pela família, amigos, escola e outros núcleos envolvidos. Podemos dizer que para o homem, o vínculo com o futebol enaltece uma representação de sua masculinidade e virilidade. Lembramos que ao chegar a qualquer roda de conversa, muitas vezes o mais importante para se destacar é o time que se torce.

Para os homens criados desde pequenos em contato com a bola e desde cedo fazendo dela assunto compartilhado em rodas de amigos, o interesse e o conhecimento acerca do futebol são tomados como auto-evidentes. Já as mulheres, quase sempre dissociadas do esporte mais popular do país, ainda precisam mostrar que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Elas carecem de credibilidade como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, afinal comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissional ou mesmo amadoras. (COSTA, 2006 p. 2)

Como mostra Costa, as contradições pouco estimuladas são fatores preponderantes para lidarmos com estes pontos. Em uma roda de conversa exclusivamente de homens, muitas vezes “é obrigatório” que ele se posicione sobre o seu time, posição nos campeonatos atuais, escalação do time e, de maneira geral, como

está o seu time em relação aos adversários diretos. No caso feminino, o espanto generalizado ocorre quando as mulheres no primeiro momento não se acanham por logo que perguntadas disserem o time que para o qual torcem e, conseqüentemente, arriscarem alguns comentários sobre o mesmo.

Cabe ressaltar que desde o início existe um abismo nas oportunidades apresentadas às mulheres e aos homens em relação ao tema e que as características impostas culturalmente pela sociedade no que diz respeito a ter ou não “conhecimento e propriedade” para torcer ou apenas comentar sobre futebol.

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LARAIA, 1986, p. 19,20).

Como podemos ver, Laraia ressaltava que dependemos de aprendizagem e estímulos para conhecer ou nos envolvermos com algo. Assim, o fato é que as mulheres em sua maioria não são instigadas a gostar ou ter curiosidade pelo tema, destacando exceções, que, em função desse aprendizado cultural, acabam sendo vítimas de preconceitos constantes. [Meu pai proibia, nunca foi tranquilo, já namorei com homens que não gostavam, mas eu nunca abri mão. Quando começo a namorar, isso já é uma questão dada, eu não vou deixar de ir] Representante da torcida organizada Gaviões da Fiel<sup>1</sup>.

Este cenário controverso parece estar acontecendo quando as mulheres começam a furar essas barreiras. Este é o panorama para entendermos as principais características dessa presença das mulheres nos estádios e, principalmente, nas torcidas organizadas de futebol. Compreender simplesmente o fato pelo qual pessoas gostam ou não de futebol aparentemente não parece uma tarefa muito simples, já que o que se apresenta nesse cenário é um ideal projetado da significação “torcer”.

Refletir por que não encaramos a presença de mulheres na prática do torcer é reflexo de uma naturalização de que o “torcer” é masculino. [Homem e Mulher são, portanto, como bem sabemos desde Margareth Mead, construções da cultura, expectativas de comportamento associadas idealmente a dois conjuntos semânticos] (SEGATO, 1993, p 4).

No futebol como algo culturalmente estimulado, supostamente homens e mulheres poderiam escolher desfrutar desta característica da maneira que acharem adequado. Mas, na realidade, isto está longe de ser comum na prática futebolística. A questão está dada: as mulheres estão presentes nos estádios de futebol e nos demais

---

<sup>1</sup>Entrevista realizada com representante da torcida organizada Gaviões da Fiel, faremos a identificação como representante da torcida, para que sua identidade seja preservada. Gaviões da Fiel é uma das torcidas organizadas do Esporte Clube Corinthians Paulista.

camadas ambientes ligados a ele. Tentar compreender estes anseios nos permite entrar em um campo contraditório, mas não cabe avaliar aqui o que seria o ideal de “torcer” desta presença, mesmo que para as torcedoras este “torcer ideal” esteja presente, como podemos ver:

Há muita diferença entre mulheres nas arquibancadas sim. Essa diferenciação de autênticas e maria-chuteiras existe sim; nós, torcedoras que sempre vamos aos estádios, apoiamos os times, estamos lá PELO TIME, e representamos nossas torcidas e o nome de nossos times, as marias-chuteiras que chamamos são aquelas que estão indo ao estádio por interesse, seja por jogador, por algum membro da torcida, mas não estão por lá por amor ao time, e sim por interesses pessoais. A presença de marias-chuteiras prejudica a imagem da torcida, e a imagem das mulheres que já estão lá por amor ao time, pois todas vão ser chamadas da mesma coisa, todas vão ser pré- julgadas por estarem lá por algum interesse. (Representante da torcida uniformizada Esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba<sup>2</sup>)

Mas, perceber as mudanças, o porquê elas ocorrem e quais os caminhos e estratégias que as mulheres vêm utilizando para conseguirem entrar, permanecer e quem sabe alterar este universo por essência masculino é o que veremos no decorrer do jogo que se apresenta neste trabalho.

### **1º tempo: A torcida organizada e sua torcedora**

Escapar dos pontos tradicionais da presença das mulheres nos estádios de futebol não é uma tarefa fácil, isso porque uma análise a primeira vista não nos permite imaginar que a presença das mulheres nos estádios de futebol sempre existiu.

No entanto, algo diferente acontecia com as mulheres presentes nos estádios de futebol. Bem vestidas, usando luvas, chapéus e longos vestidos as moças presentes nos estádios torciam seus objetos com suas mãos delicadas. Contorciam seus corpos com pulos e gestos, além de soltarem gritos altíssimos a chamar os nomes de seus jogadores preferidos, a grande maioria também sócios dos clubes e possíveis bons partidos. Esse era o comportamento inusitado que tanto chamou a atenção da imprensa e da sociedade e que configurou um novo personagem do futebol do período: as torcedoras. (MALAIA, 2012, p.64)

Malaia chama a atenção para a presença feminina nos estádios no período de 1910 a 1950, mas nesta análise podemos destacar uma alteração de panorama. Neste início, as mulheres iam ao estádio de futebol como acompanhantes dos seus maridos e familiares:

---

<sup>2</sup>Entrevista realizada com representante da torcida uniformizada Esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, faremos a identificação como representante da torcida, para que sua identidade seja preservada. Esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro é uma torcida organizada do Esporte Clube XV de Novembro, mais conhecido como XV de Piracicaba.

Apesar da proibição de que as mulheres fossem sócias, as esposas e filhas solteiras dos sócios podiam frequentar o clube como dependentes, sem ter que pagar mensalidades, nem ingressos para os jogos de futebol. (MALAIA, 2012, p.64).

No entanto, como podemos ver, a presença das mulheres nos estádios não é um fator novo, mas o que podemos considerar como novo, é a maneira que hoje este acontecimento se apresenta, mediante o aumento desta presença nos estádios, e consequentemente, o aumento das mulheres nas torcidas organizadas de futebol.

O aumento da presença de mulheres é verificado só de olhar para as arquibancadas; antigamente se via apenas homens e hoje a presença da mulher é muito mais constante. Nas organizadas é a mesma coisa; nas fotos de antigamente só se viam homens de roupas das torcidas e hoje se vê bastante mulher, além do fato de se ver mais faixas de comandos/núcleos femininos nos estádios. (Representante da torcida uniformizada Esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba).

A representante da torcida enfatiza que o aumento das mulheres nos estádios é visível e reitera o aumento também nas torcidas organizadas. Nesta perspectiva, outro fator que chama bastante nossa atenção, são as torcidas formadas e organizadas exclusivamente por mulheres<sup>3</sup>. Encarando o debate contraditório sobre esse fenômeno, existem meninas que enxergam esta atitude como um processo de resistência, cavando um lugar nas arquibancadas. Mas, também temos representantes que acreditam que o melhor caminho de afirmação da presença nos estádios é o de furar o bloqueio e buscar seu espaço nas organizadas, frequentadas essencialmente por homens. [“Eu particularmente não concordo com estas torcidas apenas de mulheres, sou a favor de cavarmos nossos espaços nas torcidas em geral.”] Representante da torcida organizada Gaviões da Fiel.

Independente dos caminhos buscados pelas mulheres para frequentarem os estádios, o que chama atenção é que existe um aspecto novo em um cenário masculinizado em sua essência. Entretanto, é possível dizer que existe um fator de estranhamento com a presença das mulheres nas torcidas organizadas? Qual a possível alteração que esta presença pode trazer para a prática das torcidas organizadas? Podemos dizer que a presença feminina nas torcidas organizadas vem possibilitando uma diferente atuação das organizadas, especialmente no que diz respeito à violência nos estádios e entre torcedores? Para as mulheres que conversamos não existe impacto, mesmo que elas chamem a atenção contraditoriamente para alguns fatores específicos:

Só se for no começo (risos), só se o homem quer impressionar a mulher (risos). Mas como dito anteriormente não muda não, a violência continua, os

---

<sup>3</sup>Torcida Feminina da Savóia (Palmeiras/SP), Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo/RJ), Dragões da Real (São Paulo/SP), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro/MG), Mulheraço (Volta Redonda/RJ), Gatas do Sul (Paysando/PA).

cantos que entoam gritos de guerra. A presença de mulheres pode ter alterado algumas festas nas arquibancadas, que ficaram mais organizadas, mas poucas coisas. Não altera em nada, só em exemplos específicos, da mãe, ou da namorada ou esposa estar presente no estádio e o filho não ir, mas são poucos os exemplos; de resto não interfere em nada. (Representante da torcida uniformizada Esquadrão do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba).

O exercício que podemos fazer aqui é dar luz a um emaranhado de fatores fundamentais para enxergarmos possíveis avanços ou diferenças. Neste caso, vemos que a representante da torcida afirma que a presença da mulher altera situações específicas, como “as festas ficarem mais organizadas” e chama a atenção para a presença da família no estádio.

Não muda. A questão é que existem regras, combinados. Existem os jogos de riscos como costumamos falar, por exemplo, no caso do Vasco em São Januário, crianças e mulheres não vão, ou no caso de Palmeiras X Corinthians, se eu quero ir eu vou por conta própria, compro meu ingresso e vou. É muito difícil ter briga entre as mulheres, e é muito difícil também as mulheres entrarem em outras brigas. (Representante da torcida organizada Gaviões da Fiel).

Aqui, neste outro exemplo, o que nos chama atenção novamente são os fatores específicos que, mesmo reiterando que a presença das mulheres não muda na perspectiva efetiva da prática da torcida, existem regras para serem cumpridas e essas regras na maioria das vezes se destinam exclusivamente à participação das mulheres, como se as mulheres tivessem um limite de atuação.

Assim, é possível afirmar que a presença das mulheres incomoda e altera as torcidas organizadas, talvez não em profundidade e ainda diretamente vinculada a aspectos tradicionalmente arraigados ao caráter de feminilidade. Também podemos verificar que foi necessário criarem regras para a participação das mulheres, que de alguma maneira existe um cuidado em relação à violência nos estádios quando as mulheres estão presentes. As mulheres estão, ainda que discretamente, problematizando esse espaço. Existe uma alteração do comportamento dos homens para lidar com este novo paradigma que é o da presença feminina nas torcidas organizadas de futebol. Se isso de alguma maneira trará novas perspectivas para as organizadas, ou se esta inserção das mulheres será apenas vinculada ao ambiente social [distribuição de cestas básicas, arrecadações, festas beneficentes e outras atividades ligadas à assistência], ou à reprodução de estereótipos, ainda não está claro; há um caminho a ser percorrido. Então, faremos um “intervalo” neste jogo para pensarmos um pouco nas contradições desta permanência.

### **Intervalo: A mulher no meio de campo, contradições desta presença**

Apesar de aparentemente não existir um levantamento acadêmico<sup>4</sup> sobre o aumento da presença das mulheres nas torcidas organizadas, como já mostramos aqui, o que ocorre é que este aumento é constatado pelo dia a dia do universo futebolístico. Não apenas a presença nas torcidas organizadas, mas nos estádios, nos núcleos e lugares onde o assunto está presente, as mulheres estão cavando um espaço importante. É neste sentido que surge um campo interessante para pensarmos qual a fundamental decorrência da presença das mulheres em um ambiente historicamente masculinizado.

Pensar o papel da mulher na sociedade nos permite perceber que as contradições, obviamente, não estão direcionadas apenas aos aspectos futebolísticos. Cabe aqui tentarmos levantar as consequências do crescimento do número de mulheres nas torcidas organizadas e as dificuldades que elas estão enfrentando. É uma das questões que chama a atenção é uma possível resistência dos homens para que as mulheres acessem as torcidas organizadas, e é neste contexto que podemos estabelecer uma ligação importante ao papel destinado pelas mulheres em nossa sociedade e no mundo da bola.

A mulher ela tende a respeitar mais as regras, e isso pode dificultar de alguma maneira a presença da mulher nas torcidas organizadas. Vamos pensar, o que hoje diferencia a torcida “normal” das torcidas organizadas é essencialmente a questão do diferencial, e este diferencial para pela questão da violência. E as mulheres muitas vezes não gostam, ou não participam disso. (Entrevista realizada com assessor do Corinthians Futebol Clube<sup>5</sup>).

Como podemos ver, o entrevistado chama a atenção para a questão que historicamente a mulher é preparada e estimulada para cumprir regras, e que isso pode significar uma perda na prática das torcidas organizadas. A torcida organizada pode perder o que podemos considerar o seu diferencial, os aspectos que determinam a diferenciação entre o torcedor comum e o torcedor da organizada. Aspectos estes, como aponta o entrevistado, ligados ao tema da violência. Esse fator enaltece de forma clara a presença masculina e se apresenta como uma das possíveis razões do afastamento das mulheres nas torcidas organizadas. Para exemplificar este fato, temos um caso recente veiculado no Twitter pela torcida Independente do São Paulo Futebol Clube<sup>6</sup>, onde em um pequeno comentário, torcedores esclareceram “*Não será permitida a viagem de*

---

<sup>4</sup> Informação retirada Federação Paulista de Futebol, uma significativa pesquisa acadêmica sobre o tema e com esclarecimentos dados pelas mulheres que foram entrevistadas.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com assessor de departamento da diretoria do Esporte Clube Corinthians Paulista faremos a identificação como representante do Clube, sócio desde 2008, assessor desde 2011.

<sup>6</sup> Torcida Tricolor Independente é uma das torcidas organizadas do time São Paulo Futebol Clube.

*mulheres para o RJ contra o Botafogo. Caso isso aconteça as mesmas serão EXPULSAS do quadro de associadas”.*

O entrevistado questionado sobre este caso enfatizou que existia a possibilidade de uma briga pré-agendada entre torcidas organizadas, e que a presença da mulher poderia de certa forma prejudicar o acontecimento da briga entre as torcidas. O que é interessante perceber é a visão enraizada de que a mulher atrapalharia a disputa da virilidade masculina por uma proteção quase maternal, reafirmando a questão dos estereótipos direcionados às feminilidades e às masculinidades da sociedade.

(...) o estádio se transformou em um local no qual se permite expressões e atitudes que só são possíveis neste contexto, isto é atitudes repreendidas numa sociedade, como é o caso de xingamentos, palavrões e atitudes de violência, são permitidas dentro do estádio e vistas como “normais”. De acordo com o referido autor, no caso das mulheres este contraste entre o permitido e o proibido se torna ainda maior, já que a imagem que a sociedade tem delas é a de uma pessoa delicada e cumpridora de boas maneiras. (DAÓLIO, 1997 in. CAMPOS e SILVA, 2009, p. 7.).

É neste contexto traçado por Daólio na publicação de Campos e Silva, que fica evidente que o estádio de futebol traz características que idealmente não se enquadram no padrão que a sociedade transfere para as mulheres. A imagem de delicada e cumpridora de regras culturalmente estabelecidas não permite que esta mulher exerça com naturalidade sua expressão de torcedora, utilizando uma linguagem oral ou corporal da maneira que ela achar conveniente. O que parece peculiar neste contexto é que junto com o ideal do “torcer”, a presença feminina nos estádios parece não ter um espaço identitário sem uma prévia resposta às regras estabelecidas por outros. Independentemente do papel que esta mulher escolha desempenhar no estádio de futebol, ela se torna alvo de críticas, preconceitos, construção de estereótipos e julgamentos pré-estabelecidos.

## **2º tempo: As torcedoras só querem torcer?**

O cenário enfrentado pelas mulheres é composto por estereótipos e preconceitos que as mulheres encontram neste meio, com o “torcer” vinculado às questões do feminino e masculino e fundamentalmente, com a compreensão de que as mulheres muitas vezes são encaradas como um problema nas torcidas organizadas.

Há, sem dúvida, cenários e grupos dentro do próprio país ou até dentro da própria cidade de que muitas vezes nem ouvimos falar, que não são temas dos órgãos de comunicação de massas, às vezes por censura, muitas vezes por simples desconhecimento. Desta forma, há indivíduos, situações, grupos de outras sociedades e culturas de nosso próprio meio, sociedade.



Evidentemente coloca-se o problema de criticar essas noções e imagens mais ou menos estereotipadas que nos chegam através desses veículos e perceber como e quanto podemos conhecer sobre essas realidades espacialmente distantes. (VELHO, 1978, p. 46 e 46).

Evidenciando o aspecto apresentado por Velho, a imagem da mulher no estádio é frequentemente demonstrada de maneira a reproduzir o ideal de beleza feminina, enfeitando o espetáculo esportivo, e assim, reforçando estigmas e preconceitos. Os comentaristas de futebol - em sua grande maioria homens -, sempre fazem comentários sobre as mulheres ressaltando a construção dos estereótipos e, quando há espaço para desconstruir esta imagem, a mídia faz questão de reproduzir os mesmos estereótipos<sup>7</sup>.

Existe um diálogo claro entre os preconceitos direcionados às mulheres frequentadoras dos estádios e os estereótipos tradicionalmente dirigidos, emitindo ideias como da mulher masculinizada, a maria-chuteira e torcedora de modinha<sup>8</sup>.

Neste sentido, é possível que esta resistência dos homens integrantes das organizadas esteja diretamente ligada ao medo de uma divisão de espaço, prestígios e, conseqüentemente, uma perda de identidade. Lembrando que aqui ressaltamos que a presença das mulheres vem trazendo mesmo que discretamente possíveis adequações para as torcidas organizadas. Parece-nos dessa forma, por mais que alguns homens digam que não veem problemas na presença das mulheres nas torcidas organizadas, as falas são sempre dirigidas a um determinado recorte, espaço e papel definido.

O fetichismo ou estereótipo dá acesso a uma “identidade” baseado tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma. Este conflito entre prazer/desprazer, dominação/defesa, conhecimento/recusa, ausência/presença, tem uma significação fundamental para o discurso colonial. Isso porque a cena do fetichismo é também a cena da reativação e repetição da fantasia primária – o desejo do sujeito por uma origem pura que é sempre ameaçada por uma divisão, pois o sujeito deve ser dotado de gênero para ser engendrado, para ser falado. (BHABHA, 1998, p. 116 e 117).

Mediante aos fatores expostos, podemos indagar que existe uma negociação entre a relação dos homens das torcidas organizadas perante a presença das mulheres, e a possível ameaça de perda de identidade construída por eles historicamente. Ao mesmo tempo, há ainda para que as mulheres se aproximem cada vez mais dos estádios,

---

<sup>7</sup>Um exemplo é o recém-criado quadro “Bolsa Redonda”, exibido no programa “Esporte Espetacular”, da Rede Globo de Televisão, que reúne mulheres para discutir futebol. Destacamos o fato do quadro se chamar “bolsa”, fazendo alusão direta ao acessório característico do estereótipo do feminino. Maiores informações: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2013/11/comandado-por-fernanda-gentil-bolsa-redonda-estrea-no-domingo.html>.

<sup>8</sup> Toledo, Luiz Henrique, Costa, Carlos Eduardo, organizadores. Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas, 2009.

mantendo a representação feminina de pilar familiar. Para este cenário podemos destacar o crescente número de produtos futebolísticos destinados a mulheres, e também estádios novos com a opção de fraldário.

Podemos compreender que hoje a mulher foi absorvida como potencial consumidora de produtos ligados ao mercado da bola. Portanto, estamos diante de um caso interessante, de negociação: existe um lado querendo que a mulher faça parte desse contexto, sendo ele, vinculado às possibilidades de consumo, ou até mesmo uma potencial inibidor de certas atitudes dentro e fora dos estádios; e, ao mesmo tempo, o outro lado, das torcidas organizadas, empurrando a mulher muitas vezes para um papel “secundário”, para que elas não façam parte de um processo identitário que enaltece as torcidas organizadas.

### **Fim do jogo: Conclusão**

Podemos observar que existe uma concepção que rege o papel do torcedor (a). No caso do torcedor os papéis se configuram de maneira mais clara, podendo desempenhar seus aspectos em uma ampla frente de escolhas. Mas, no caso da torcedora parece que não há possibilidade de escolhas; o que se desenha é um panorama pouco flexível: caso esta mulher acompanhe o seu marido ao estádio, o estereótipo se vincula ao não entendimento do mundo futebolístico; caso esta mesma mulher vá ao estádio sozinha, o olhar lançado é o de que ela está a procura de um parceiro, ou se essa mulher vai uniformizada e escolhe ficar próxima à torcida organizada, entoando os gritos coletivos, ela se torna um homem: uma versão masculinizada de sua identidade. E, dessa forma, observamos que nas torcidas organizadas, os estereótipos tomam conta da presença da mulher.

No entanto, o que chama a atenção é o fato de que as meninas entrevistadas observam que a torcida organizada, assim como qualquer organização, tem regras, e que estas devem ser cumpridas. Dessa forma, talvez estejamos diante de uma resistência consciente [ou não] da presença da mulher nas torcidas organizadas: para alguns a presença não é um problema, mas contraditoriamente as mulheres encontram apenas tarefas diferenciadas dentro das organizadas, vinculadas às questões sociais dos clubes, como a organização de eventos comunitários.

Mesmo neste cenário vinculado ao âmbito social, a presença das mulheres no meio futebolístico apresenta crescente importância. Mesmo com todos os problemas que

elas encontram, as falas são de permanência, resistência e de mudança, o que nos traz alguns novos questionamentos. É possível que estas mulheres só queiram torcer, no seu aspecto aqui já citado, demonstrar paixão pelo seu time, envolvimento, dedicação? É possível que estas mulheres encontrem um caminho para entrar nas torcidas organizadas. Ou também é possível que essa porta que se abriu se transforme em algo maior?

Por fim, cabe esclarecer que a proposta desse trabalho aspira uma reflexão da presença das mulheres nos estádios de futebol, com foco nas torcidas organizadas. Com o visível aumento desta participação diante do cenário conflitivo e contraditório, encarar este tema em uma sociedade machista, sexista e homofóbica é fundamental, sendo que ainda resta um enorme cenário de pesquisa no tema.

## Referências Bibliográficas

- LARAI, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Observando o familiar* In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).
- TOLEDO, Luiz Henrique, Carlos Eduardo Costa, organizadores. *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*, São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume Editora, 2004.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro. 7Letras, 2012.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo. Editora Nova Alexandria Ltda, 1999.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo. Editora Contexto, 2010.
- MURAD, Maurício. *Para entender: A violência no futebol*. São Paulo. Saraiva, 2012.
- BOURDIEU, P. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Graal Ltda, 1988.
- COSTA, Leda Maria da. *Marias Chuteiras X Torcedoras "Autênticas". Identidade Feminina e Futebol*. Doutorado – Literatura Comparada – Universidade do Rio de Janeiro. Anpuh, 2006.
- CAMPOS, Priscila A. F., Silvio, Ricardo Silva da. *Mulher Torcedora: Apontamentos sócio- históricos da presença feminina nos estádios de futebol em Belo Horizonte - MG*. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e representações. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2009.
- MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo. Perspectiva, 2009.
- Scott, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Artigo publicado em *Educação & Realidade*, v.15, n2, jul./dez. 1990.